

Entre tramas e fios da profissão docente – elementos para reflexão

Prof.^a M.^a Ivana Guimarães Lodi

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa feita com os alunos da Especialização em Gestão Escolar, Orientação e Supervisão Pedagógica, realizada no Uniaraxá. Buscamos discutir sobre o ser professor, recuperando alguns sentidos e significados de sua identidade e do seu fazer enquanto pessoa e profissional, como também analisamos algumas práticas pedagógicas e desafios na sua formação e em seu fazer diário no cenário da educação brasileira. Realizamos uma pesquisa estruturada com os professores participantes deste curso, através de um questionário. Todos são profissionais da educação, trabalham ou já trabalharam em salas de aula em seus vários níveis. Mais importante do que escolher a técnica da entrevista, foi buscar a sensibilidade para compreender a expressão dos sujeitos entrevistados e sua representatividade no seu processo de autoconstrução e de suas ações educativas. Analisando as respostas dos sujeitos pesquisados, foi possível perceber que o ser e o tornar-se professor acontecem todos os dias. Mesmo diante de tantos desafios, cobranças, exigências, mudanças, muitas delas contraditórias, existe em todos eles uma crença no processo de viver a educação, como também esperança e determinação em fazer do seu exercício profissional uma busca pelo crescimento mútuo e consequentemente, pela melhoria pessoal e profissional.

Palavras chave: Professor; Formação; Educação brasileira.

*“Quando a gente acha que tem todas as respostas,
vem a vida e muda todas as perguntas”.*
(Veríssimo)

1. Introdução

Na leitura de uma reportagem recente, em que se dizia que o dia do professor deveria ser o dia mais importante da nação pela simples razão de que sem bons professores a democracia sempre será precária e a chance de crescimento econômico e distribuição de renda também precários, várias questões nos vieram à mente quanto à profissão docente.

Percebemos que a docência é pouco valorizada em nosso país. Muitos não a veem

como uma profissão, mas, em nossa opinião, é a mais importante de todas. As palavras professor e profissão são próximas em seus significados. A primeira designa o sujeito que professa, isto é, aquele que diz a verdade publicamente. E a verdade é qualquer fato, fenômeno ou interação em conformidade com o real, significa expor corretamente, representar fielmente por princípios lógicos. Assim, o professor é aquele que torna público – socializa – algum conhecimento. A segunda palavra designa uma ocupação ou atividade especializada e voltada ao ato de professar, portanto, deve ser respeitada e valorizada como qualquer outra profissão.

Toda profissão afirma uma identidade. E esta, por sua vez, não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço em construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mesma dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor (NÓVOA, 1996).

A imagem profissional do professor, política e socialmente construída, tem-se alterado nos últimos tempos. No âmbito de muitos estudos realizados com professores, a crise de identidade profissional e o mal-estar docente são problemas atuais que têm suscitado múltiplas investigações em diversos países. Esta realidade afeta muitos docentes e comporta várias implicações negativas sobre a qualidade de ensino, o que convém ser investigado na ótica de serem encontradas possíveis perspectivas ou hipóteses de intervenção, que possam contribuir para a sua prevenção e resolução, conduzindo ao bem-estar docente. A desorientação provocada pelas várias pressões sociais, para a assunção de papéis cada vez mais alargados e complexos, tem provocado nos profissionais da educação uma crise de identidade.

Além disso, os professores, no Brasil, são mal remunerados, trabalham em excesso, têm pouco tempo para se qualificar, estão desmotivados e sobrecarregados, como aponta o resultado de uma pesquisa feita pelo Ibope (em 2009), a pedido da Confederação Nacional da Indústria e do movimento “Todos pela Educação” para mostrar o perfil do educador brasileiro. Pouco mais de um ano depois, será que estes dados mudaram? Se a mesma pesquisa fosse realizada, hoje, as respostas seriam as mesmas, já que muito pouco foi feito no país para alterar essa realidade. Com raras exceções, o professor brasileiro dá um duro danado, se desdobra em mil para conseguir reforçar a renda familiar, já que o salário que recebe é um dos mais baixos do mundo, segundo levantamento feito pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 40 países.

Então, perguntamo-nos, será que existe uma origem para a crise de identidade do professor?

Crise de identidade do professor significa uma crise na maneira de ser na profissão, uma crise no seu fazer, que implica em dificuldades de interação, descontentamento com a profissão e na realização de suas atividades diárias, descrença quanto ao que faz socialmente.

As causas da crise de identidade são diversas, segundo Meksenas (2010), como conflitos na instituição de trabalho, baixos salários, pouco reconhecimento social, sentimentos de incerteza ou insegurança. Tal crise não é alheia à distinção entre o eu pessoal e o eu profissional, já que não é possível desmembrar um modo de ser pessoal do que nos define como professor. Dessa maneira, entram em choque nossas crenças, valores morais, caráter, nossos valores pedagógicos e posturas didáticas. Cada pessoa carrega em si suas origens e cada um desenvolve uma maneira pessoal de organizar suas aulas, de atuar como professor, de abordar os temas ou conteúdos e de reagir diante das demandas da profissão.

Bauman (1998) diz que somos pessoas que vivem como peregrinos, turistas ou andarilhos. Os peregrinos buscam encontrar sentido na vida, os turistas são descomprometidos com a realidade e os andarilhos são aqueles que andam sem sentido, sem saber por onde andam. Este autor ainda afirma que vivemos um tempo de angústias, de ansiedade já que tudo é muito rápido, fluido, escapa por entre os dedos. Basta observar a rapidez com que as informações são passadas, como o conhecimento é gerado e descartado. E, em meio a tudo isso, a escola e nós, educadores, precisamos encontrar formas para que a educação aconteça, tenha sentido. Mas, muitas vezes nem nós mesmos estamos encontrando-nos. Sentimo-nos perdidos em meio a tanta aceleração, relações efêmeras, a eterna falta de tempo. Assim, questionamos: estamos sendo peregrinos, turistas ou andarilhos? Que sentido temos dado à nossa existência, ao nosso fazer como educadores?

Compreender a profissão docente pressupõe compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem, que constitui o seu eixo. O ensino é uma prática social concreta, dinâmica, multidimensional, interativa, sempre inédita e imprevisível. É um processo que sofre influências de aspectos econômicos, psicológicos, técnicos, culturais, éticos, políticos, institucionais, afetivos, estéticos. O desenvolvimento do trabalho docente, pelo grau de complexidade que envolve não se encaixa em saberes estáveis, sistemáticos e instrumentais, automaticamente aplicados às situações de ensino-aprendizagem.

No desempenho de seu trabalho, os professores lidam com relações interpessoais que são sempre únicas e repletas de aspectos afetivos, valorativos, psicológicos. Interferem nessas relações elementos que perpassam a existência de cada um dos indivíduos que participam do grupo, tais como os culturais, familiares, religiosos, a situação econômica, as experiências vividas, as diferentes formas de ser e estar no mundo e os interesses diversos formando assim, uma intrincada teia de interações.

Não podendo contar com um conjunto de saberes prontos e de instrumentos que lhes auxiliem no desenvolvimento de sua prática, o que envolve questões de imensa complexidade, incerteza e singularidade, os professores apoiam-se em suas experiências pessoais e profissionais, nas suas crenças e valores, e, assim, criam, improvisam e constroem saberes no enfrentamento de situações únicas que exigem decisões e encaminhamentos únicos.

A competência docente não é uma técnica composta por uma série de destrezas baseadas em conhecimentos concretos ou na experiência, nem uma simples descoberta pessoal. O professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos e singulares.

Essa compreensão leva à conclusão de que o exercício da docência é, em boa parte, determinado por aquilo que o professor é enquanto pessoa, pela forma como pensa e age; por seus valores, sua vivência, sua personalidade (TARDIF, 2002).

A sociedade contemporânea vem exigindo e cobrando diversos papéis desse profissional, até mesmo aqueles que são da família e de outras instâncias sociais. Cobra até mesmo que ele seja capaz de responder às necessidades externas do processo educativo. Também, espera-se que este profissional, além de todas as funções que lhe têm sido delegadas, prepare os alunos para serem profissionais de qualidade e sucesso, capazes de enfrentar a competitividade e as exigências do mercado e da vida.

Contreras (2002, p. 82) afirma que “o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e de sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, a perda da autonomia”. Durante anos, percebemos certa resistência ou, até mesmo, uma alienação quanto ao questionamento dessas relações; afinal, fizeram-nos acreditar que a verdade já estava posta e acabada.

Como destaca Villela (2006), o trabalho docente tem se tornado mais intenso, à medida que assume novos requisitos sobre as condições, a natureza e a organização do ensino, o que se caracteriza como um desafio para os professores. A autora destaca ainda a necessidade de se olhar as coisas de outra forma, a fim de considerar novas perspectivas, para que seja possível adotar posturas mais abertas e mais compreensivas em relação aos desafios postos ao trabalho docente.

Outra característica não menos importante que o domínio técnico é a visão sistêmica, a capacidade que o professor precisa ter para perceber a integração e a interdependência das partes que compõem o todo. O docente é dotado de inteligências múltiplas, como exemplo a inteligência linguística, corporal, lógica, interpessoal e também a inteligência

emocional. Lidar, com sabedoria e ética, com as constantes ponderações dos alunos é um exercício que exige perspicácia na tomada de decisão.

Vive-se, hoje, no Brasil, um momento de grande discussão sobre a formação do professor e a formação continuada, que é uma exigência e uma necessidade para o mercado de trabalho. Portanto, é preciso refletir sobre as necessárias mudanças nas políticas e práticas desta formação, já que existem coisas que funcionam e outras que se mostram fracassadas.

Imbernón (2010), diz que houve um avanço no conhecimento teórico e na prática de formação continuada do professor, mas que é preciso olhar para trás sem revolta, para ver o que nos serve e descartar aquilo que não funcionou, construindo novas alternativas que beneficiem a formação dos professores e, portanto, a educação promovida por eles. A prática educacional só muda quando os professores querem modificá-la e se sentem preparados.

A formação continuada deve assumir um forte componente prático, centrada na aprendizagem dos alunos, e fazer parte do próprio exercício profissional, concedendo aos professores maior experiência, que se reverte na melhor formação de nossos alunos. Importante também, dedicar atenção às dimensões pessoais, trabalhando a capacidade de relação e de comunicação que definem o tato pedagógico, valorizar o trabalho em equipe e nunca esquecer que aquilo que fazemos está marcado por um forte princípio de responsabilidade social.

Sem negar a importância de todas essas demandas, fica impossível ao professor atendê-las sozinho e, nesse contexto tão complexo, já que cada professor é uma história, viveu um caminho, faz-se necessário pensar, questionar e ressignificar a identidade desse profissional tão importante, já que todos nós carregamos as experiências compartilhadas nos ambientes em que estudamos e convivemos diariamente.

Afinal:

Fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos está continuamente criando em nós e fazendo conosco (BRANDÃO, 2000, p. 451).

Entre as várias questões que acentuam essa crise de identidade docente e, imersos neste tempo em que a fluidez pode ser a principal metáfora para o estágio presente (BAUMAN, 2001), sentimo-nos perdidos na inconstância em que o derretimento dos sólidos, das verdades e das certezas é o traço permanente. Tentamos encontrar no meio desta inconstância, caminhos e meios que nos definam, que possam trazer realização pessoal

e profissional no cotidiano do nosso fazer.

A formação da identidade humana e profissional resulta da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. À medida que transforma seu meio, transforma-se a si mesmo. O professor é aquele sujeito que

não oferece uma verdade da qual bastaria se apropriar-se, mas oferece uma tensão, uma vontade, um desejo. (...) o professor domina a arte de uma atividade que não dá nada. Por isso, não pretende amarrar os homens a si mesmos, mas procura levá-los à sua altura, ou melhor, elevá-los mais alto do que a si mesmos, ao que existe em cada um deles que é mais alto do que eles mesmos (LARROSA, 1999, p. 11)

Este autor nos aponta a necessidade da mudança e da ousadia, da coragem, do transformar o espaço educativo em um lugar onde seja permitida a expressão das individualidades, pois é ali que os saberes científicos são vividos em forma de saberes escolares e transformados em saberes pessoais. Os saberes pessoais sedimentarão nossas práticas sociais e profissionais, sendo que cada um tem a sua maneira peculiar de assimilar/aprender e praticar o que foi aprendido.

Convivendo com esta problemática, a literatura remete-nos a diversos autores que têm pesquisado e analisado esta mesma problemática. Dentre eles, podemos citar os que analisam nossas representações como professores, como Fonseca (2003) e Lodi (2010). Já, no que diz respeito à formação de nossa identidade, podemos falar de Tardif (2002), ao ressaltar o papel da docência como sendo uma atividade em que o trabalhador dedica-se ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no processo fundamental da interação humana, como também, Nóvoa (1991) e Fontana (2003).

Já Edgar Morin (2002), em suas pesquisas sobre os processos educativos, propôs os “sete saberes necessários à educação do futuro”, que podem ser traduzidos no combate ao erro e à ilusão, nos princípios do conhecimento pertinente, no ensinar a condição humana, no ensinar a identidade terrena, no enfrentar as incertezas, no ensinar a compreensão e na ética do gênero humano. Todos estes saberes visam a educar para um futuro viável diante das muitas incertezas.

Nossa prática pedagógica deve, antes de tudo, ser um instrumento que conduza ao diálogo com nossas dúvidas e incertezas, com o objetivo final de formar para o exercício da cidadania plena e para a prática ética em todas as instâncias. Somente quando questionamos sobre nosso fazer, sobre como interferimos de maneira direta na vida daqueles com os quais convivemos diariamente nos espaços escolares, é que nos sentimos como parte do

processo e, assim, podemos valorizar e até mesmo resgatar nosso papel, nossa representatividade na sociedade.

2. Afinal, quem somos?

Buscando conhecer melhor o cotidiano do educador, como também conhecer o significado que dão à sua prática profissional, recuperando alguns sentidos e significados de suas identidades e de seu fazer pedagógico, realizamos uma entrevista com os professores/educadores da pós-graduação em Gestão Escolar, orientação e supervisão pedagógica no Uniaraxá, já que cada um de nós

interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas de vida e de morte e que esperança o anima. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Assim, cada leitor é coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (BOFF, 1999, p. 78).

Mobilizar narrativas, ativar memórias e vivências, mesmo tão específicas, pode nos ajudar a conhecer e a entender sobre a profissão de educador já que

o saber das pessoas não é, de forma alguma, um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam (FOUCAULT, 1992, p. 170).

Esses saberes nos permitem construir, através daquilo que os sujeitos pesquisados guardam de si mesmos enquanto profissionais, a constituição de sua identidade e, da identidade do educador brasileiro, já que somos produto e produtores da história.

O percurso metodológico nesta investigação tomou por base o enfoque qualitativo, conforme algumas características apresentadas por Triviños (1995), que tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave. É também descritiva, pois se preocupa com o processo e não apenas com o resultado e o produto.

Os dados coletados foram analisados indutivamente, buscando construir os significados que os sujeitos atribuem ao seu fazer profissional.

A coleta de dados foi feita através de questionário estruturado e escrito, composto pelas seguintes questões:

- Quem sou como educador(a)? Que conexões existem com quem sou como pessoa?
- Em meu cotidiano como educador(a), minhas ações são éticas?
- Estou satisfeito comigo mesmo(a) como educador(a)?
- Quais as minhas expectativas para o futuro, o que sinto em relação a elas?

3. Sobre ser professor

Toda pesquisa, como investigação de algo, nos lança em diversas interrogações, nos pede reflexão, crítica, enfrentamento com o que está posto, invenção, criação e até recriação. É pensar e dizer o que ainda não foi pensando, nem dito, uma visão compreensiva das totalidades em que a reflexão crítica e o exame dos conhecimentos instituídos possibilitem sua mudança e superação.

As representações identitárias, expressas através de entrevistas, podem ser pensadas como “(...) esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). Chartier acredita que há algo específico no discurso histórico, pois este é construído a partir de técnicas específicas.

Quando perguntados sobre quem são como educadores, e que conexões existem com quem sou como pessoa, um dos nossos entrevistados disse: *“Desafiei meus medos, mas o gostar da profissão me tornou capaz. As conexões existentes são o gostar do meu fazer, com o coração”*. Outros complementaram: *“Como educador sou uma pessoa apaixonada pela profissão, faço por prazer”*. *“Acredito no potencial humano, por isso, a cada dia, dou o melhor de mim e estímulo meus alunos ao correto agir”*.

Percebemos que o compromisso para e com o exercício do educar está presente nas expressões de nossos entrevistados, pois apontam a preocupação com esse compromisso de formar integralmente aqueles que são chamados de alunos.

Alguns elementos constitutivos das identidades de nossos sujeitos também são expressos através das seguintes narrativas: *“Acredito que não há como separar quem sou do que faço (...) tudo está intimamente ligado ao meu ser”*. E também nas seguintes afirmações:

“Não me separo da educadora e da pessoa”. “Sou e estou procurando me conhecer e conhecer o outro, não no sentido de me prevenir, mas de respeitar as minhas limitações e as dos outros, não há como separar o que eu sou, como pessoa, da educadora”.

Pelas palavras de nossos entrevistados é possível perceber que não nascemos determinados a ser alguma coisa, somos feitos, construídos. Todos constroem sua identidade, seus saberes, sua História, no decorrer de suas próprias vidas, e esses processos dependem das influências que sofremos, dos modelos que adotamos. É, sem dúvida, um processo dinâmico e ativo, histórico, colado à realidade sociocultural de cada um. “A vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a análise da formação não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como o adulto viveu as situações concretas de seu próprio percurso educativo” (NÓVOA, 1991, p. 24).

Alguns professores mostraram-se confusos em alguns aspectos e, em alguns momentos, deixaram surgir alguém com a profissionalidade hoje abalada, apresentando-nos uma imagem pouco expressiva e desvalorizada, muitas vezes, sem espírito de corpo entre seus pares, o que pode comprometer nossa identidade. Isso fica evidente através dos seguintes relatos: *“Estou insegura, e essa insegurança a gente acaba passando para nossos alunos e colegas de trabalho. Com isso, perdemos a confiança e a credibilidade. Preciso aprender muito”. “Não estou satisfeito comigo enquanto educador, pois estou me deixando levar pelo sistema pré-estabelecido, não realizando de acordo com aquilo em que acredito”.*

Diante do processo de desvalorização profissional do professor e da eventual crise educacional que parece ser evidente nos dias atuais, afirmar a identidade profissional docente pode contribuir para mudar este quadro e buscar melhores condições de trabalho para essa categoria. O professor necessita de uma definição mais precisa de sua identidade profissional para se afirmar perante o ensino e até mesmo perante a categoria docente propriamente dita. Um professor que reconhece e tem consciência do seu papel, desempenha seu trabalho com maior segurança, desenvoltura, autonomia e pode, assim, desenvolver práticas pedagógicas mais criativas e de qualidade.

Chamou-nos a atenção que a maioria dos entrevistados tem consciência dos desafios que estão postos. Desafios de ordem pedagógica, econômica, política e ética, mas que, mesmo assim, tem uma atitude de responsabilidade e de ação comprometida para consigo mesmos no exercício de sua profissão, no envolvimento direto com seus alunos, na certeza de que estão, de alguma forma, interferindo na construção de pessoas, de profissionais com formação humana e não só técnica.

Os relatos a seguir exemplificam esta realidade:

- *“Estou sempre pesquisando e buscando algo mais para tornar o ensino mais atrativo e de qualidade para meus alunos. Me empenho para que eles se sintam motivados. Acredito que a conduta de um professor é essencial para a formação dos alunos”.*

- *“Acho que sempre precisamos buscar novos horizontes. Hoje posso dizer apenas que estou melhor que ontem, nunca satisfeita, sempre em busca de uma melhoria na qualidade do ensino”.*

- *“Podemos melhorar, cada vez mais, pois ser educador não é só transmitir conhecimento, é interagir com os outros, conhecer quem ele é, suas habilidades e, para isso, precisamos nos atualizar mais e mais. Todos ganham com isso”.*

Alguns professores se mostraram confiantes no que fazem e afirmaram sua crença na educação, mas não deixaram de expressar sua preocupação com a falta de investimento, de valorização e de seriedade das políticas educacionais. A educação no país, por falta de responsabilidade governamental, o que diríamos ser até mesmo uma questão ética, ou o que é pior, de uma anomia que se instalou no país em diversos segmentos, tem deixado muitas indagações e necessidades sem resposta.

Esta realidade pode ser ilustrada através dos resultados que ocupamos nas melhores avaliações internacionais, em que ficamos atrás de países que nem cogitaríamos ficar, tratando-se de educação. “E pode piorar, pois temos um ensino cada vez mais relaxado, uma autoridade mais inexistente” (LUFT, 2010, p. 26). A realidade mostra-nos muitas escolas caindo aos pedaços, professores pessimamente pagos, e mal preparados, que não têm tempo para ler, estudar, progredir, já que precisam, muitas vezes, enfrentar jornadas duplas, triplas, ou até mesmo fazer bico, para poder sobreviver.

Diante deste quadro, nossos entrevistados, quando perguntados sobre suas expectativas para com o futuro, mostraram-se conscientes e cientes de seu papel. Uma de nossas entrevistadas afirma: *“minhas expectativas são de uma escola mais ética e cidadã, de pessoas mais humanas”* – mesmo ao complementar dizendo: *“sinto que a escola tem desviado seu foco de transmitir conhecimentos e formar pessoas”.*

Lidar com sabedoria e ética com as constantes ponderações dos alunos é um exercício que exige perspicácia na tomada de decisão e comprometimento, uma competência básica para o profissional da educação. O objetivo principal vai além da sala de aula, pois o futuro do aluno depende também do professor. Sua formação determinará a motivação para o desenvolvimento intrapessoal e profissional

Já outro de nossos participantes diz que *“se pudesse, faria uma reviravolta. Sabemos que existem muitas coisas erradas no país com relação à educação. Professores mal preparados, mal formados e mal informados, atuando na sala de aula”.*

Também, com relação às expectativas para o futuro, outro participante afirma:

“quero um futuro melhor para minha vida profissional, com uma formação continuada e bastante conhecimento para uma profissão de sucesso”. Outro complementa: “quando conseguirmos uma educação digna, estaremos formando uma sociedade equilibrada e justa. A educação é o caminho para que essa transformação aconteça, uma vez que ninguém nasce aluno, nos tornamos alunos”.

Finalizando estas análises, diz um professor: *“minhas expectativas são do tamanho dos meus sonhos. Nunca vou deixar de acreditar que posso ter um lugar cada vez melhor na educação. Acredito que posso ajudar os novos cidadãos”.*

Se perdermos a capacidade de sonhar e o sentido do humano na educação, perdemos tudo. Só o ser humano consegue educar outro ser humano. Por isso, é preciso insistir na importância das dimensões pessoais e profissionais no exercício da profissão docente.

Precisamos de professores interessantes e interessados. Precisamos daqueles que são inspiradores e não repetidores. Pessoas com vida, com coisas para dizer e exemplos para dar. Como disse Proust, uma vez, “mais importante do que encontrar novas terras é alcançar novos olhares”. Precisamos de semeadores de futuro, pois professores são aqueles que intervêm na sociedade de maneira direta para o hoje e para o amanhã.

Entre os participantes desta pesquisa, notou-se que muitos deles acreditam no que fazem, que acreditam no humano, no novo olhar, pois cada um tem buscado subsídios para melhorar sua prática, não se deixando desanimar frente aos vários desafios e questionamentos surgidos no dia a dia profissional. Percebemos um compromisso pessoal, cidadão e ético com aquilo que fazem. Tudo isso é muito importante, posto que existem diversos professores que não têm esse compromisso, ou que são, às vezes, tão desvalorizados, que não exercem sua profissão de maneira comprometida e, com isso, colaboram, mesmo que inconscientemente, para piorar ainda mais o quadro já tão deteriorado da educação no país.

Paulo Freire nos diz que:

Ser utópico não é apenas ser idealista ou pouco prático, mas também efetuar a denúncia e a anunciação. Por isso, o caráter utópico de nossa teoria e prática educativa é tão permanente como a educação em si, que, para nós, é uma ação cultural. Sua tendência para a denúncia e a anunciação não pode se esgotar quando a realidade, hoje denunciada, amanhã cede seu lugar à realidade previamente anunciada na denúncia. Quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não possui a unidade dramática da denúncia e da anunciação, ou o futuro já não significa nada para os homens, ou estes têm medo de se arriscar a viver o futuro como superação criativa do presente, que já envelheceu. No entanto, conforme uma visão autenticamente utópica, a esperança não quer dizer cruzar os braços e

esperar. A espera só é possível quando, cheios de esperança, procuramos alcançar o futuro anunciado que nasce no marco da denúncia por meio da ação reflexiva... a esperança utópica é um compromisso cheio de risco (FREIRE, 1995 p. 21).

A utopia não precisa ser ilusória, irreal, não nos levar a nada. A utopia sonhada em grupo, sem perder de vista nossa realidade e nossas possibilidades, pode apontar o rumo para buscar caminhos e formas que transformem a realidade da educação que temos no país, naquela que tanto queremos, precisamos e merecemos.

Aprofundando o olhar

Pesquisar e analisar o campo educativo nos obriga a ter um olhar amplo e profundo e, sobre isso, Imbernón nos alerta:

é importante ter, pelo menos, dois tipos de olhares. Há um primeiro olhar imediato, próximo, de curto alcance, um olhar que nos ajuda a resolver esses problemas cotidianos que chegam a nos obcecar e não nos permitem levantar os olhos. (...) tento ultrapassar esse olhar de curto alcance e estimular o hábito do segundo olhar, ou seja, mais amplo e profundo (2000, p. 77).

Alcançar este “olhar” mais amplo e profundo, é um desafio que, mesmo buscado, ainda não conseguimos atingir. Dizemos isso porque, no que se refere à educação, são vários aspectos, influências, interferências, tanto objetivas como subjetivas, em um ato de ir e vir, do macro ao micro e vice versa.

Qualquer análise e pesquisa sobre a educação e, principalmente, os agentes educativos, obrigam-nos a tentar deixar de lado muitas ideologias, verdades postas, crenças. Este é um exercício rico em possibilidades e, às vezes, doído pelas constatações e descobertas, algumas delas veladas, que são percebidas em nosso dia a dia. Mas, investigar os sujeitos que vivem e constroem todos os dias a educação é um campo rico em possibilidades, profundo em conhecimentos e, acima de tudo, imenso no que diz respeito ao humano, afinal, “carregamos todos uma história feita de traços comuns no mesmo ofício” (ARROYO, 2000, p.13).

Analisando as respostas dos sujeitos pesquisados é possível perceber que, mesmo diante de tantos desafios, cobranças, exigências, mudanças, muitas delas contraditórias, existe em todos eles uma crença no processo de viver a educação, como também esperança

e determinação em fazer do seu exercício profissional, um exercício na busca do crescimento mútuo e conseqüentemente, para a melhoria pessoal e profissional.

Ficou evidente que

“(...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade. Aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si” (CHARLOT, 2000, p.72).

Ainda temos muito que caminhar, muito que transformar, mas acreditamos que os caminhos têm sido construídos, pois as relações entre as condições históricas, epistemológicas e pedagógicas têm nos condicionado a esta mudança, têm nos instigado a buscar meios para reformar a educação brasileira, transformando-a num modelo que se baseia na formação integral dos seres humanos envolvidos neste processo.

Novas práticas pedagógicas, metodologias críticas e transformadoras que levem ao repensar nossa ação pedagógica e o ensinar e o aprender como processos complementares e vitais na produção e construção de processos educativos, voltados para a superação de índices de qualidade tão baixos em nosso país deve ser nosso objetivo constante.

A vida acelerada e imprevisível de séculos, que passaram a durar de cinco a dez anos, no máximo, nos exige nova postura de educadores, senão, seremos ainda mais engolidos e massacrados pela ação vertiginosa e transformadora das mudanças em constante movimento. Como nos diz Clarice Lispector, “o que nos impede de alcançar o que desejamos é, muitas vezes, a ousadia que não possuímos” (1977, p. 47). Assim, faz-se necessário uma dose maior de ousadia para inovar, para ser criativo, para encontrar novos caminhos, rompendo com a mesmice e com a estagnação, com a baixa qualidade, com a desvalorização do profissional, com a manutenção de índices tão baixos na qualidade da educação brasileira.

Referências

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre** – Imagens e auto-imagens. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis, GENTIL, Pablo, KRUG, Andréa et. al. (Orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos de uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CONTRERAS, José. **A autonomia do professor**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papyrus, 2003.
- FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.
- IMBERNÓN, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI** – os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. **Formação continuada de professores**. Tradução: Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** – danças piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 171-186, 2011

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977.

LODI, Ivana Guimarães. **Um olhar sobre formadores de formadores – Histórias de vida**. São Paulo: Annablume, 2010.

LUFT, Lya. Educação: ela nos interessa? **VEJA**. São Paulo: Abril, ano 43, n. 51, 22 dez. 2010. p. 26.

MEKSENAS, Paulo. **Existe uma origem da crise de identidade do professor?** Disponível em: www.espacoacademico.com.br/.../31cmeksenas.htm. Acesso em: 22 out. 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1991.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VILLELA, Elisabeth Caldeira. As interferências da contemporaneidade no trabalho docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, 2007, p. 229-241.

Between frames and wires of the teaching profession - elements for reflection

Abstract: This article is the result of a survey conducted with postgraduate students in School Administration, Guidance and Pedagogical supervision, held in UNIARAXÁ. We discuss about being a teacher, recovering some meanings of their identity and their activity as a person and as a professional also and we analyze some educational practices and challenges in their training and in their everyday work in the Brazilian education scenario. We performed a structured search with teachers participating in this course through a questionnaire. All participants are professionals of education, who work or have worked in classroom in their various levels. More important than choosing the technique of the interview was having the sensitivity to understand the words of the people interviewed and representation of them in their process of self-construction and educational activities. Analyzing the responses of the people studied, it can be seeing that being and becoming a teacher are things

that happen every day. Despite so many challenges, charges, demands, changes, many of them contradictory, there is a belief in the education process and also hope and determination to make their professional practice a search for mutual growth and consequently for personal and social improvement.

Key-words: Teacher, Training, Brazilian Education.

*** Prof.^a M.^a Ivana Guimarães Lodi**

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>

Endereço eletrônico: iglodi@terra.com.br